

## DIVERSIDADE SEXUAL

*Carmita H. N. Abdo*

Psiquiatra, Livre-Docente e Professora Associada do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP. Presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)

No século 20, as mudanças no campo da sexualidade resultaram especialmente da influência da tecnologia, dos avanços da sociologia e da pedagogia, além do advento da psicanálise. Estudos sobre o comportamento sexual populacional apontaram aspectos divergentes dos estudos da sexologia clínica, ensejando revisões de conceitos consagrados. As palavras *sexo* e *gênero* foram, e ainda o são, utilizadas como sinônimos, mas teve início a diferenciação, que ganhou força no começo do século 21: pertencer a determinado *sexo* significa ser homem ou ser mulher, biologicamente, enquanto *gênero* define o masculino e o feminino, do ponto de vista comportamental e psicológico. Em contrapartida, o comportamento de gênero passou a assumir diferentes significados, conforme a cultura em que se inseriu. Ou seja, a expressão da sexualidade, mais do que se manifestar conforme heranças biológicas, passou também a se constituir num meio de confirmação de regras sociais, assumindo cunho ideológico. O sexo virtual tornou-se a forma mais efetiva de sexo protegido (contra gravidez e DSTs), mas expôs os predispostos às mais inusitadas formas de dependência, favorecendo a compulsão sexual e colocando em evidência os autossexuais (aqueles que se satisfazem sexualmente sem necessidade de parceria). Técnicas de imagem cerebral possibilitaram o reconhecimento das diferenças estruturais entre o cérebro masculino e o cérebro feminino, além das variações. Estudos confirmaram que influências associadas ao sexo atingem vários níveis do sistema nervoso, do genético ao comportamental, compondo distintas organizações cerebrais, dissociadas dos estereótipos. A herança de tais descobertas e tais questionamentos não tem precedentes na civilização ocidental. À perplexidade e à estigmatização, respondem os mapeamentos cerebrais e as novas classificações diagnósticas, frente a esta coleção de orientações, identidades e preferências sexuais, as quais hoje se expõem e se impõem como nunca. A diversidade sexual nos convida a uma reflexão a respeito do impacto dos fatores socioculturais sobre as evidências da biotecnologia e a mais cautela ante nosso ainda incipiente conhecimento neste campo.